

# LATINOS NOS EUA — UNINDO AMÉRICAS, FAZENDO A AMÉRICA DE LÁ OU PERDENDO A NOSSA AMÉRICA?

Mary Garcia Castro\*



Foto: Comitê de Solidariedade ao Povo de El Salvador

## QUADRO GERAL

**A** migração de latinos para os Estados Unidos não é um fenômeno novo, registrando-se deslocamentos de mexicanos para os estados norte-americanos fronteiriços ao México, por exemplo, Califórnia, Texas, Arizona e Novo México, ou seja, para terras que originalmente eram do México, desde meados do século 19. Também é anterior à IIª Guerra Mundial o deslocamento para os EUA de massiva corrente de europeus e mais tarde de asiáticos. Na história daquele país os membros dessa corrente são chamados “pioneiros” ou os “velhos imigrantes”. O crescimento dos novos imigrantes, em particular de origem asiática e latina, é ilustrado no Quadro 1. Note-se que em 1960 cerca de 10% dos imigrantes ‘ilegais’ eram de origem asiática e 25% da América Latina, enquanto em 1985 os asiáticos passam a representar quase a metade do contingente de imigrantes documentados, e os provenientes da América Latina, um terço.

A visibilidade dos latinos vai além do seu volume. Está na irreverência e persistência da sua cultura; na sua predominância, junto com os afro-americanos, nos bairros mais pobres, com piores serviços nas grandes metrópoles. Destacam-se também pelo colorido de suas roupas e pelas diversas formas de resistência à sutil discriminação que a

“América européia” (os EUA) dispensa à “América mestiça” (termos cunhados por José Martí, in Retamar 1983). A língua - o espanhol carregado ou uma mescla de inglês com espanhol - é uma das trincheiras mais fortes de resistência à aculturação que interpenetra até o enfrentamento das Américas na quotidianidade do latino nas ruas das cidades norte-americanas.

Os jovens pobres, de “*los barrios*” andam em gangs, falam alto, saltam a borboleta do metrô acintosamente e resgatam o poder perdido e as fantasias estimuladas pelas propagandas coloridas, no “craque” - terrível droga, derivada da cocaína, mais barata e mortífera.

“Viver em um bairro de latinos é caminhar sobre um barril de pólvora”, disse-me uma entrevistada branca norte-americana no Harley hispano, em Nova Iorque (Castro, 1982), acrescentando, “mas é um lugar barato de se viver e as pessoas se cumprimentam”. Já um estudante, ativista de um movimento de solidariedade com os povos da América Central (CISPLA), salvadoreño, residente no mesmo bairro, retrucava que “é um lugar que ainda tem vida, nesta lanchonete. Os jovens hispanos estão se suicidando com as drogas, sem perspectiva política coletiva. É a saída individual para a qual foram encurralados”.

De vez em quando o barril de pólvora solta fâscas, especialmente em pe-

ríodos, como agora, de recessão econômica, em que o subemprego aumenta, em especial entre latinos e negros. É ilustrativo o recente conflito entre jovens latinos e a polícia de Washington em bairros latinos, pela prisão de jovens hispânicos que consumiam bebida alcoólica na rua - crime federal nos EUA, costume corrente em qualquer cidade da América Latina - e o posterior ferimento à bala de um salvadoreño, quando este já estaria algemado por uma policial negra. O bairro é considerado território da comunidade, e a invasão da polícia, nesse caso, foi respondida com três dias de saques, apedrejamento e 21 ônibus incendiados.

Um jovem guatemalteco, durante os distúrbios, assim reagiu contra o toque de recolher ordenado pelas autoridades de Washington: “*quem eles pensam que somos? Pensam que vamos dormir quando eles mandam? Aqui é o nosso bairro*”. Outro declarou: “*eles nos tratam como cidadãos de segunda categoria, tem limite!*” (in Folha de São Paulo 09.05.91 e Jornal do Brasil 08.05.91).

Esta visibilidade e forma de resistência da geração mais nova de latinos, os que já não teriam tanto deslumbramento com o sonho americano, como seus pais, para muitos analistas perdem-se no contexto ampliado da sociedade, mas para muitos congressistas e brancos de classe média são

prelúdios, incômodos, sinais de alerta a advertir que algo deve ser feito para “manter a América dos americanos” (a referência é aos EUA - slogan que aparece em manifestações de tendência racista ou conservadora).

Após longo e caloroso debate, que se estendeu durante três anos, foi sancionada pelo presidente Bush, em 29 de novembro de 1990, a mais recente lei de imigração dos EUA (o “Immigration Act”). Nesta lei, ratifica-se o princípio da lei de 1965, qual seja de priorizar a reunificação familiar, dando-se vistos de entrada e de residência (o almejado “green card”) para esposos, filhos e outros parentes de norte-americanos ou de imigrantes já residentes, preferencialmente. Tal princípio, para alguns estudiosos, seria parte do ideário humanitário da democracia norte-americana e, para outros, mecanismo de proteção da população branca, “nativa”, garantindo que a reprodução da força de trabalho terceiro-mundista nos EUA ficasse circunscrita a essa comunidade. Outro princípio, que em leis anteriores ora estava explícito, ora não, mas nunca tão delimitado como nesta legislação, é o de reforçar, segundo alto funcionário do Departamento de Trabalho dos EUA, Demetrios G. Papademetriou (note-se o sobrenome grego):

“*Interesses econômicos, usando-se a imigração para obter trabalhadores estrangeiros com habilidades neces-*

QUADRO 1  
Imigrantes admitidos nos EUA (grupos selecionados) - 1960- 1985

Origem	1960		1985	
	Número	%	Número	%
Europa	138.426	52.15	63.043	11.06
Ásia	24.956	9.77	264.691	46.43
África	2.319	0.87	17.117	3.00
América Latina e Caribe	66.441	25.03	209.718	36.79
México	(32.683)		(61.077)	
Caribe	(14.047)		(83.281)	
América Central	(6.661)		(26.302)	
América do Sul	(13.048)		(39.058)	
<b>Total (inclusive imigrantes de outras origens)</b>	<b>265.398</b>	<b>100.00</b>	<b>570.009</b>	<b>100.00</b>

Fonte: Serviço de Imigração e Naturalização do Governo dos EUA, in Sassen 1988, pag. 6.

sitadas pelos empregadores e que não são encontradas entre trabalhadores norte-americanos no tempo e lugar necessários" (1990: 2).

A nova lei estabelece rígidas cotas de vistos por tipos de imigrantes (privilegiando trabalhadores temporários para a agricultura, profissionais altamente especializados, enfermeiros/as etc...), um sistema de preferências por países, sanções para os empregadores de "indocumentados" e indiretamente restrições ao acesso deste tipo de imigrantes ao seguro de desemprego, assistência médica e outros benefícios sociais conquistados pelos trabalhadores nos EUA.

Reconhecem políticos e pesquisadores que a mão-de-obra dos imigrantes vem satisfazendo a demanda de força de trabalho, contribuindo para a dinâmica da economia dos EUA. Empresários da indústria de roupas, em particular os que gerenciam ateliers ("sweat shops" - que literalmente traduz-se por 'casas de suor'), os que são donos de firmas de produtos eletrônicos; de restaurantes e outros que tipicamente empregam imigrantes, em especial asiáticos e latinos, declaram que se não contassem com tal mão-de-obra teriam que fechar seus negócios (in Portes 1990).

Reconhece-se também que os imigrantes não competem com os naturais,

em particular os brancos, mesmo em períodos de queda da taxa de crescimento da economia, como no atual momento, quando se registram taxas de desemprego de 6,6% (patamar elevado para os parâmetros do país), pois o mercado de trabalho norte-americano é rigidamente segmentado, circulando os imigrantes, em especial os latinos, no chamado mercado secundário, em grande parte como trabalhadores não especializados na indústria e no setor de serviços pessoais e de alimentação, desempenhando tarefas que aferem mais baixa remuneração e prestígio, não atraentes aos brancos norte-americanos (ver Quadro 2). Portanto, o raciocínio usado por congressistas que trabalharam na elaboração do "Immigration Act" de 1990, de que a lei viria proteger trabalhadores nativos, seria questionável.

As leis de imigração nos EUA sempre tiveram um uso político, sendo acionadas nas negociações internacionais, como nos períodos de não alinhamento do governo mexicano às orientações norte-americanas; nos impasses com o governo cubano e alianças com a facção cubano-americana militantemente anti-Revolução cubana, por exemplo, ou para buscar legitimação social interna em períodos de questionamento da política fiscal ou da economia. Por outro lado, a questão migratória

nos EUA tem uma complexidade singular, sendo fortes os lobbies por nacionalidades e, inclusive a participação econômica e política de tais grupos. O voto latino tem sido importante nas eleições, ainda que seja mínima a proporção da comunidade hispânica que exerce o seu direito de voto (em 1982 somente 25% dos hispânicos votaram). Este voto vem mudando de tendência, apoiando candidatos republicanos, conservadores, o que parece um paradoxo considerando que tradicionalmente tal tendência se pauta por posições intervencionistas, destacando-se o apoio aos "contras" na Nicarágua, a invasão de Granada e do Panamá, bem como medidas mais restritivas relativas a exigências de pagamento da dívida externa por parte dos países latino-americanos, entre outras posições contrárias ao desenvolvimento e soberania da "América mestiça". Com esta chamada não estamos, necessariamente, catalogando o partido democrata como mais "progressista", mas chamando a atenção para o fato de que a representação de grupos hispânicos no aparato de poder ou de pressão não necessariamente garantiria a defesa de toda a comunidade latina nos EUA, em particular dos "indocumentados". Classe e etnia conjugam-se dividindo lealdades e interesses.

Também deixamos para reflexão a

Quadro 2

Distribuição Ocupacional da Força de Trabalho por Gênero e Naturalidade  
Estado de Nova Iorque, EUA - 1980 (%)

Grupo de ocupações	Mulheres			Homens		
	Imigrantes	Latinos	Nativos	Imigrantes	Latinos	Nativos
Profissionais	10.8		16.6	10.1		13.4
Semi-Profissionais	2.5		2.7	2.2		2.7
Fazendeiros	0.3		0.3	0.2		0.8
Gerentes	4.4		6.5	12.4		13.7
Escritório	28.7		40.4	11.4		11.4
Vendas	4.8		6.5	4.8		7.1
Especializados	3.1		1.6	17.6		16.9
Operários						
Não Especializados	23.7		8.1	17.9		14.9
Serviços	20.7		16.1	18.1		12.1
Trabalhadores Não Qualificados	1.1		0.9	5.1		6.3
Trabalhador Agrícola	0.1		0.3	0.1		0.7
<b>Total (N) (100.00%)</b>	<b>(7.498)</b>		<b>(35.961)</b>	<b>(8.944)</b>		<b>(41.461)</b>

Fonte: in Bach 1985, p.75

débil identificação de grande parcela da comunidade hispânica com os projetos políticos de seus países, quando estes se chocam com os interesses da política norte-americana<sup>(1)</sup>.

O censo dos EUA aponta para 1990 a seguinte composição populacional entre os anos de 1980 e 1990, indicando aumento do componente estrangeiro, senão vejamos:

	1980	1990
Branços	52,4%	43,2%
Negros	24,0%	25,2%
Hispanos	19,9%	24,4%
Asiáticos	3,4%	6,7%
Outros	0,4%	0,5%

(in Veja 03.04.91, p.3)

Alertam estudiosos, jornalistas e congressistas: "O nosso é um tempo de cruzar, borrar e refazer fronteiras. Mais uma vez a América (os EUA) está mudando" (Bach 1991). Será? Ainda que seja de reconhecimento universal que os EUA são "uma nação de imigrantes", e que a história cultural, política e econômica do país está intimamente associada às ondas de imigração, certos grupos politicamente influentes e segmentos da população já expressam seu mal-estar com o que consideram a "perda da identidade da democracia nacional".

Ativistas de direitos humanos e estudiosos norte-americanos vêm alertando para o crescimento da onda de racismo e etnocentrismo nos EUA. No fim dos anos 80, o trabalho de um grupo de religiosos de proteção aos refugiados da América Central, vítimas de ditaduras que contam com o apoio dos EUA, como El Salvador, o Movimento de Santuário, encontrou grande resistência não só jurídica mas também ataques de grupos de direita; por outro lado foi amplamente apoiado por grupos de consciência. Em 1980, o chamado "Movimento pelo inglês nos EUA" ganhou fôlego com uma campanha por uma emenda constitucional que proibisse o uso de línguas estrangeiras em lugares públicos, e para que o inglês fosse decretado língua oficial do país (como se não o fosse).

## MIGRAÇÃO E CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO

Em que pese o esforço dos EUA por controlar os fluxos de mão-de-obra estrangeira de acordo com as necessidades da economia, através de sucessivos dispositivos legais, o ingresso de imigrantes não obedece mecanicamente a tais dispositivos, e hoje estima-se que para cada imigrante que entra legalmente, cinco imigrantes, em especial de países do Terceiro Mundo, entram sem documentos. São os "ilegais" os "indocumentados", os "costas molhadas" - termo que indica uma entre tantas formas criativas e trágicas de se integrar ao "sonho americano à Nova Babilônia", segundo os rastafaris jamaicanos, assim aludindo ao novo templo do consumo. Os costas molhadas arriscam-se por redes de esgoto abandonadas e rios sujos que passam pelo México, adentrando "la América", guiados por "coyotes" - guias especializados em levar imigrantes para cruzar a fronteira, burlando "la migra" (patrulhas do serviço de imigração), por entre morros, matos, driblando uma sofisticada parafernália tecnológica "de los gringos" para detectar "objetos estranhos". Por aí passa a outra América, pessoas de várias nacionalidades, particularmente da América Central, do Sul e do Caribe e mais recentemente também de brasileiros. Contudo, a fronteira é uma das muitas portas de entrada dos indocumentados. O "abuso" (termo legal) do visto de turismo é uma das formas mais difundidas de se chegar para ficar.

A imigração mais sistemática de latinos para os EUA dataria aproximadamente da década de 60, e a de brasileiros, estima-se que a partir de 1981. São datas com significados claros não só para a economia da América Latina, crise da dívida e de crescimento, mas também para outro momento nas relações Norte-Sul. O marco de 1960 não coincidentemente sinaliza também para a investida de capital norte-americano no continente ao Sul do Rio Grande (que separa Texas do México), participação de Washington nas políticas nacionais na Região Latino-americana, fomento e apoio a golpes militares e a prática da divisão de

áreas de influência, com os enfrentamentos Leste e Oeste (a chamada guerra fria, coisa que parece ter ficado na história). Ainda que bem mais antiga - datando do período de Roosevelt e da doutrina Monroe - a política de que a América Latina e o Caribe seriam o "quintal de fundo" dos EUA ("our backyard"), é retomada com vigor nas décadas de 60-80.

Por outro lado, com a expansão do poder econômico/político dos EUA chegaria a difusão cultural, os apelos ao consumo e a visibilidade das diferenças do poder de compra entre as moedas nacionais e o dólar, e em especial a heterogeneidade da economia norte-americana, na qual convivem sofisticadas indústrias, tipo capital intensivo, que exigem mão-de-obra altamente especializada, e indústrias tradicionais e domiciliares, dependentes de mão-de-obra quase artesanal e barata. Dentre estas últimas, destacam-se a indústria de roupas, bem como, em outro extremo, a de chips para computadores, além de um amplo setor de serviços com oferta de trabalhos recusados por brancos norte-americanos e não aberta aos negros de igual nacionalidade, como as ocupações de garçom, lavador de pratos, atendente em bares etc... Estariam dadas assim, quer pelo lado dos países de origem, quer de destino, as condições para a mobilidade do trabalho.

Mas, subjacente a tais fatores, tradicionalmente denominados de atração e expulsão, estaria o processo de afirmação cada vez maior do capitalismo mundial integrado, e neste, a posição estratégica dos países cênicos, tipo EUA. Seria parte do mesmo processo de globalização/integração da economia, entendida não só como produção e consumo de bens e serviços, mas também como produção de ideologias, formas de pensar e de priorizar padrões de consumo e modelos de vida, ressaltando a ética da individualização, a prevalência e a diversificação dos "novos migrantes" internacionais, sendo simplista limitar a compreensão das emigrações do Terceiro para o Primeiro Mundo como um movimento pela sobrevivência econômica e imediata (busca de trabalho). Portes (1990) destaca a relação entre expectativas de consumo socialmente criadas e os limites de realização de tais expectativas nos países de emigração e Sassen (1988) demonstra a associação entre inves-

timentos e intervenção (mobilidade do capital) e emigração internacional direcionada para os países cênicos (mobilidade do trabalho).

É neste novo espaço da divisão internacional da economia, agravado pelo deterioramento das economias latino-americanas, limitação do seu processo de acumulação de capital pelo sangramento de divisas com o pagamento dos juros do serviço da dívida externa, recessão, inflação, e consequente afunilamento das alternativas de mobilidade para a classe média, que viria se avolumando, aproximadamente a partir dos anos 80, a emigração de "brasucas" (como os brasileiros se chamam nos EUA).

## OS MAIS NOVOS ENTRE OS NOVOS IMIGRANTES: OS BRASILEIROS

Os brasileiros não se destacam entre os fluxos de latino-americanos para os EUA. De acordo com o censo de 1980 dos EUA, havia cerca de 40 mil imigrantes brasileiros, o que representaria apenas 0,3% dos estrangeiros naquele país e menos de 0,1% da população do Brasil (in Portes 1990). Mas este quadro está mudando. De acordo com a antropóloga Margolis (1990: 215):

*"Nos últimos cinco anos, à medida que as condições econômicas do Brasil vêm se deteriorando, Nova Iorque e outras cidades norte-americanas testemunham um crescente influxo de imigrantes brasileiros de classe média. Embora muitos tenham educação de nível superior, a maioria desses imigrantes é indocumentada (migrantes ilegais) e mal conhece o inglês. Nestas condições, a maior parte dos empregos disponíveis para eles é do tipo manual como limpar casas, lustrar sapatos, lavar pratos e atender mesas em bares".*

Um jornal norte-americano (New York Times -/4/91) em artigo sobre brasileiro preso no tráfico de drogas, citava a estimativa de que o número de brasileiros nos EUA estaria por volta dos 500 mil, sendo a maioria indocumentados.

Pesquisa realizada em São Paulo, em janeiro de 1988, constatou que cerca de 60% dos paulistas entrevistados decla-



Foto: Mary G. Casiro

Gainesville/Flórida - manifestação de protesto pela ajuda aos 'contras' da Nicarágua, aprovada pelo Congresso dos EUA.

raram querer deixar o país, e entre os cariocas, dois terços manifestaram a mesma intenção (Sadiva Associados, in Veja 16.3.88). Segundo dados de agência de viagem do Estado de Minas Gerais, cerca de 45 mil pessoas da cidade de Governador Valadares vivem hoje clandestinamente nos EUA, ou seja, quase 20% da população daquela cidade (in Folha de São Paulo, 23.07.89).

Margolis (1988) destaca que a origem de classe emprestaria "singularidades a esta quase invisível minoria entre as minorias". Os brasileiros dos EUA seriam prioritariamente originários de frações de classe média-média ou média-alta, seriam predominantemente brancos, e buscariam não se identificar como hispanos, ao contrário. Para Margolis (1988) tal reação não seria explicada por brios nacionalistas, mas como tentativa de escapar à discriminação dirigida aos hispanos, bem como por "elitismo de classe". Aventamos a hipótese que tal orientação também se relaciona a um processo de segregação político-ideológica que caracterizou a formação da identidade brasileira, separada da história da América Latina. Contudo, no jogo capital X trabalho, a força de trabalho imigrante brasileira desemboca no bolsão comum que suga latinos nos EUA: as ocupações de menor prestígio e mais baixa remuneração. Ironicamente, parece pois que será no exterior e por um processo de rebaixamento de 'status' que se desvelará aos brasileiros a sua identidade latino-americana.

Em que pese a mobilidade descendente, o ganho financeiro imediato com a emigração teria o efeito de reter os imigrantes nos EUA e compensar a 'descida'. Em média, por semana uma empregada doméstica imigrante brasileira em Nova Iorque receberia entre 250 a 300 dólares, o que, segundo uma entrevistada (in Margolis 1988), não se conseguiria no Rio de Janeiro como professora, apesar de seus (da entrevistada) dez anos de experiência.

Muitas brasileiras hoje, da mesma forma que mulheres asiáticas e de outros países do Terceiro Mundo, estão envolvidas pelo tráfico de 'noivas' para os países desenvolvidos, com o intuito de emigrar. O tráfico é legitimado pela intermediação de casamentos entre brasileiras e estrangeiros por empresas especializadas, que funcionam em várias cidades do Brasil (in A Tarde, 12.02 e 05.03.89). Muitas das 'noivas' serão empregadas domésticas ou prostitutas dos seus compradores/noivos estrangeiros.

Vários brasileiros entrevistados por Margolis (1988), ex-advogados, ex-dentistas etc, justificam a emigração por uma lógica niilista, corrente hoje no Brasil: "aquele país não tem jeito"; "estou desiludido com o Brasil". Respostas similares foram dadas por um ex-químico, hoje chofer de táxi em Manhattan, por uma empregada doméstica que no Brasil se formou em psicologia, e outros. Muitos também justificam o tipo de trabalho que estão desempenhando, que não fariam se estivessem

no Brasil, frisando que é temporária sua estada nos EUA, mas a experiência de outros imigrantes (Castro 1982) indica que a maior probabilidade é que a volta seja adiada indefinidamente e que nas cartas para os parentes e amigos não se mencione o tipo de trabalho desempenhado no exterior, como é o caso da moça brasileira que em Nova Iorque trabalha de 'go-go girl' (corista em teatro de revista de segunda categoria) - ocupação que é desempenhada por muitas mulheres brasileiras (in Margolis 1990).

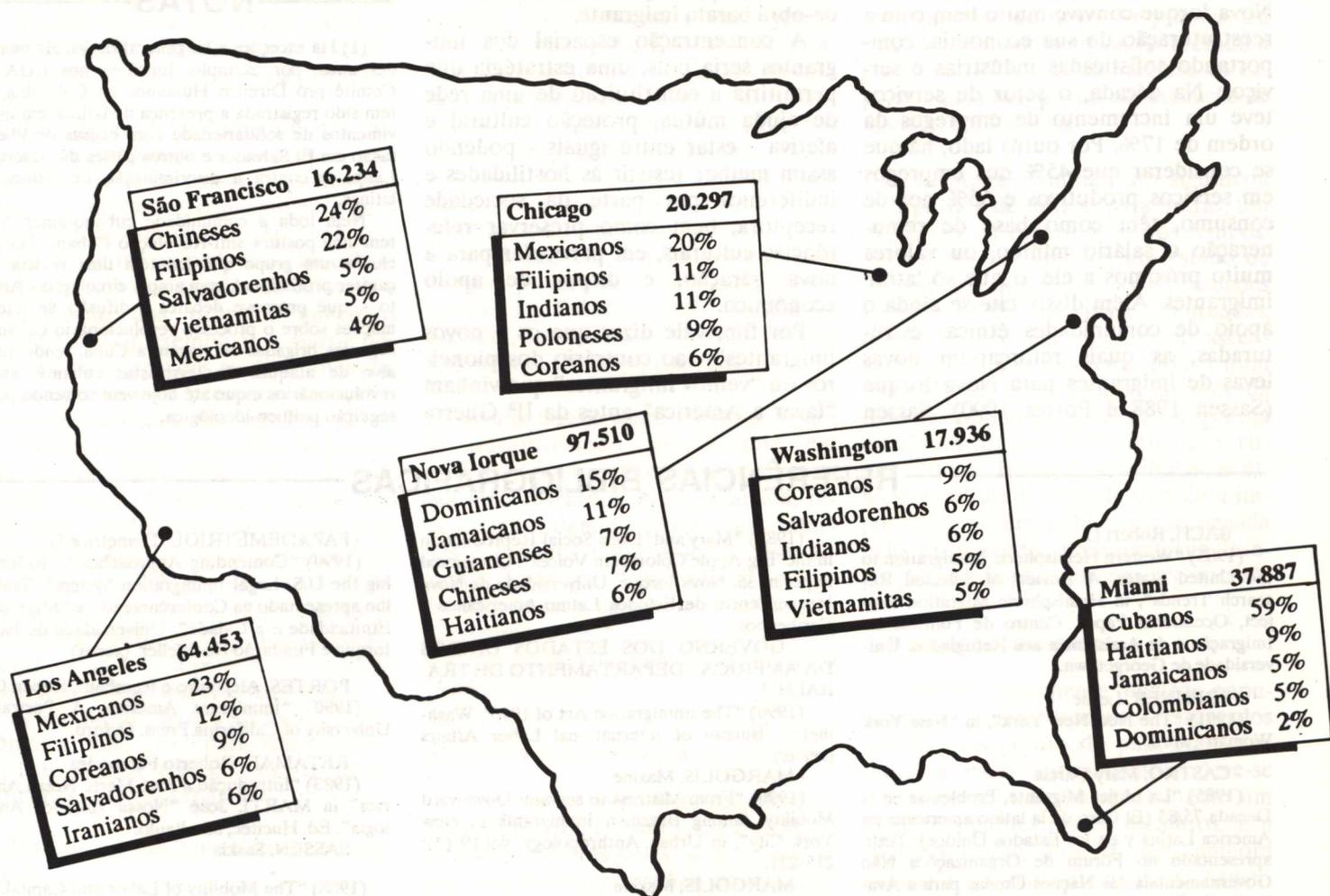
Se em termos de lugar na produção será o mercado secundário o porto para a maioria dos brasileiros, por outro, é através da cultura que afirmam sua resistência. A salsa e o merengue (mú-

sicas do Caribe hispano) vêm sendo substituídas pelos ritmos brasileiros em Nova Iorque, e muitos brasileiros consideram que nas artes, nas casas noturnas poderão "fazer a América", e alguns o conseguem. Todavia, muitos ficaram na prostituição, no tráfico, nos cabarés de segunda categoria. O preço e as moedas que correm na migração tomam muitas formas e sentidos e, em muitas biografias, atesta-se que só muito mais tarde a perda da identidade ou o ganho de uma nova se evidenciará. Neste processo, a ausência de um projeto de nação, como referência - a nação que ficou, mas que se leva junto - repercutirá também na afirmação ou não de uma comunidade étnica no exterior.

## O TERCEIRO NO PRIMEIRO MUNDO, OU O PRIMEIRO NO TERCEIRO

Verifica-se, como ilustra o mapa 1, uma clara concentração espacial dos imigrantes latinos, bem como de outras proveniências. Aproximadamente 3/4 dos 28.916 cubanos (1987) estão em Miami. Hoje, a maioria da população dessa cidade é de origem cubana. Os 24.858 (1987) dominicanos também têm alto índice de concentração espacial, os quais na sua maioria são trabalhadores não especializados, ocupados na área de serviços, predominando sua presença em Nova Iorque.

**Mapa 1 - Composição dos Principais Fluxos Migratórios para as Seis Áreas Metropolitanas dos EUA, 1987**



Fonte: dados originais in Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA, 1987, relatório Anual (Washington, EUA, Gabinete de Imprensa do Governo dos EUA, 1988 tabela 18), cit. in PORTES. 1990, 38.

Em 1987, os 72.351 mexicanos distribuíam-se preferencialmente pelas cidades de Los Angeles, San Diego e El Paso; a maioria trabalhadores não qualificados. Enquanto os pioneiros entre os mexicanos iam para a área rural, hoje a maior parte, por volta de 80%, dirige-se para as metrópoles. Já os refugiados haitianos (4.419 em 1987) concentram-se na Flórida (67%). (Dados in Portes 1990).

Um dos principais pontos de destino das correntes imigratórias de latinos é sem dúvida Nova Iorque. Esta cidade perdeu, entre os anos de 1970-80, cerca de meio milhão de empregos, além de ser considerada caótica quanto aos serviços e no que diz respeito à moradia.

Entretanto, emprega imigrantes não somente nas indústrias decadentes, tradicionais, como a de roupas - perdeu um terço dos empregos na década - mas em indústrias novas, sofisticadas, uma vez que a decadência econômica de Nova Iorque convive muito bem com a reestruturação de sua economia, comportando sofisticadas indústrias e serviços. Na década, o setor de serviços teve um incremento de empregos da ordem de 17%. Por outro lado, há que se considerar que 45% dos empregos em serviços produtivos e 65% nos de consumo, têm como base de remuneração o salário mínimo, ou valores muito próximos a ele, o que só 'atrai' imigrantes. Além disso, cite-se ainda o apoio de comunidades étnicas estruturadas, as quais reforçariam novas levadas de imigrantes para Nova Iorque (Sassen 1988 e Portes 1990). Sassen

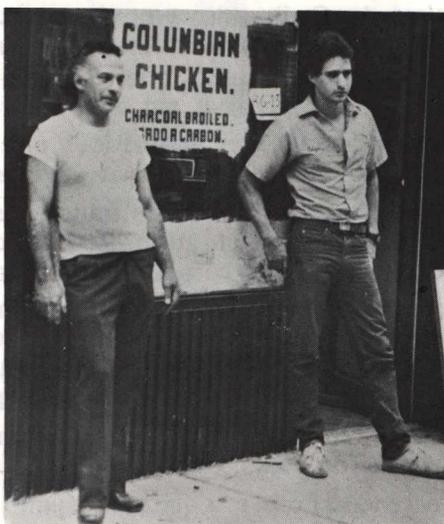


Foto: Myriam Alvarado

Queens - um bairro latino em Nova York.

liga a periferação de Nova Iorque - muitos imigrantes não são somente empregados, mas também donos de negócios típicos de setor informal - com a reestruturação de sua economia estimulada pelo tipo de influxo de mão-de-obra barata imigrante.

A concentração espacial dos imigrantes seria pois, uma estratégia que permitiria a constituição de uma rede de ajuda mútua, proteção cultural e afetiva - estar entre iguais - podendo assim melhor resistir às hostilidades e indiferença por parte da sociedade receptora, bem como preservar referências culturais, em particular para a nova geração, e dispor de apoio econômico.

Por fim, vale dizer que os "novos imigrantes" - ao contrário dos pioneiros ou "velhos imigrantes" que vinham "fazer a América" antes da IIª Guerra

Mundial, fugindo de perseguições políticas, fome e desemprego - chegam em um momento de mais rígida delimitação do mercado de trabalho, são provenientes de economias dependentes, e muito provavelmente, não conseguirão em duas ou três gerações cumprir a espiral ascendente. Considerando as teses da internacionalização da economia e da divisão internacional do trabalho (Sassen 1988), defendemos também que os novos imigrantes reproduziriam no Primeiro o estigma do Terceiro Mundo, a "América Mestiça" (Martí).

\* Mary G. Castro é Profa. e pesquisadora da UFBA, PhD em Sociologia pela Universidade da Flórida e bolsista do CNPq. Entre 1982-89 viveu nos EUA e de 1976-78 na Colômbia, desenvolvendo estudos sobre mulher, gênero e migração. Nos EUA participou do CISPLA-Comitê de Solidariedade com os Povos da América Central, e atualmente é membro de organização homônima na Bahia-COSPAC.

## NOTAS

(1) Há exceções a tal generalização. Há quase dez anos, por exemplo, funciona nos EUA o Comitê pró Direitos Humanos na Colômbia, e tem sido registrada a presença de latinos em movimentos de solidariedade com causas de libertação em El Salvador e outros países da América Latina e contra a discriminação de latinos e latinas.

Nem toda a comunidade cubano-americana tem uma postura anti-Revolução Cubana. Há inclusive um grupo que mantém uma revista de caráter profissional, com ampla circulação - *Areito* -, que promove debates e difusão de informações sobre o processo revolucionário cubano, organiza brigadas de viagem a Cuba, tendo sido alvo de ataques de terroristas cubanos anti-revolucionários e que até hoje vem sofrendo perseguição político-ideológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACH, Robert L.  
(1985) "Western Hemispheric Immigration to the United States. A Review of Selected Research Trends", in *Hemispheric Migration Project*, Occasional Paper. Centro de Políticas de Imigração e de Assistência aos Refugiados. Universidade de Georgetown.

- BRENNER, Leslie  
(1991) "The New New York", in "New York Woman", abril.

- CASTRO, Mary Garcia  
(1985) "La Mujer Migrante, Problemas en la Década 75/85 (El Caso de la latino americana en América Latina y en los Estados Unidos). Texto apresentado no Fórum de Organizações Não Governamentais das Nações Unidas para a Avaliação da Década da Mulher - consultoria ao Conselho Mundial de Igrejas - Nairobi (xerox).

- CASTRO, Mary Garcia

(1982) "Mary and 'Eve's Social Reproduction in the 'Big Apple' Colombian Voices". Occasional Paper n. 35. Nova Iorque, Universidade de Nova Iorque/Centro de Estudos Latino-Americanos e Caribenhos.

- GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA - DEPARTAMENTO DE TRABALHO  
(1990) "The Immigration Act of 1990". Washington. Bureau of International Labor Affairs (xerox).

- MARGOLIS, Maxine  
(1990) "From Mistress to servant: Downward Mobility Among Brazilian Immigrants in New York City", in *Urban Anthropology*, vol.19 (3): 215-231.

- MARGOLIS, Maxine  
(1989) "A New Ingredient in the Melting Pot: Brazilians in New York City", in *City and Society* 3 (2): 179-87

- PAPADEMETRIOU, Demetrios G.  
(1990) "Contending Approaches to Reforming the U.S. Legal Immigration System". Trabalho apresentado na Conferência sobre "Migração, Etnicidade e a Cidade". Universidade de Nova Iorque e Fundação Rockefeller. (xerox)

- PORTES, Alejandro e Rumbaut, Rubén G.  
(1990) "Immigrant America. A Portrait", University of California Press, Oxford.

- RETAMAR, Roberto Fernandez  
(1983) "Introdução a José Martí. Nossa América" in MARTÍ, José "Nossa América Antologia", Ed. Hucitec, São Paulo.

- SASSEN, Saskia  
(1988) "The Mobility of Labor and Capital. A Study in International Investment and Labor Flow", Cambridge University Press, Sydney.